

**ABORDAGENS
TEÓRICAS
E PRÁTICAS
EM PESQUISA**

ORGANIZADORA

Giovanna Ofretorio de
Oliveira Martin-Franchi

ISBN 978-85-7221-576-3

2026

Natália Peres de Oliveira

**FENÔMENO
DA IMPOSTORA:**

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO
NA SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES
À LUZ DA PSICANÁLISE FERENCZIANA

RESUMO

O fenômeno da impostora é caracterizado pela presença de sentimentos de incapacidade, medos, autodepreciação, desconfiança de si mesma sentidos por pessoas competentes que internalizaram experiências de desvalorização. Quando reconhecidas e elogiadas, elas têm a sensação de que estão enganando as pessoas, sendo uma fraude. O fenômeno afeta muito mais mulheres e pode ser visto como um efeito da violência de gênero sofrida por mulheres desde a mais tenra infância. Esta pesquisa tem o objetivo de compreender os processos psicológicos presentes no fenômeno da impostora a partir da teoria da traumatogênese de Sándor Ferenczi. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório. A análise feita mostra que a violência de gênero pode ser entendida como um trauma social que impacta a subjetivação de mulheres e que pode corroborar numa identificação com o agressor, fazendo com que mulheres tenham um sentimento de desvalia e autocrítica incomensuráveis.

Palavras-chave: fenômeno da impostora; violência de gênero; mulheres; traumatogênese.

INTRODUÇÃO

A expressão “fenômeno (ou síndrome) do (a) impostor (a)” foi cunhada por Clance e Imes (1978), duas psicólogas norte-americanas da Universidade Estadual da Geórgia. Elas publicaram um artigo chamado “The impostor phenomenon in high achieving women: dynamics and therapeutic intervention” (1978) onde apresentam sua pesquisa realizada com 150 mulheres em posições de destaque profissional e que não se sentiam merecedoras de seus sucessos. Essas mulheres desconsideravam suas habilidades, competências e inteligência e atribuíam seu sucesso ao acaso e à sorte.

O termo fenômeno impostor é usado para designar uma experiência interna de falsidades intelectuais, que parecem ser particularmente prevalentes e intensas entre um seletivo grupo de amostra de mulheres de alto desempenho. Certas dinâmicas familiares iniciais e posterior introdução dos estereótipos sociais de papéis sexuais parecem contribuir significativamente para o desenvolvimento do fenômeno do impostor (Clance; Imes, 1978, p. 241).

Diversos estudos foram feitos desde então, definindo o fenômeno como um conjunto de sentimentos de desvalorização, uma descrença de que se é merecedor (a) do sucesso conquistado, uma sensação de que houve um engano e de que logo descobrirão a farsa. Pessoas que vivenciam este fenômeno costumam sentir que estão enganando outras pessoas sobre suas habilidades e que serão descobertas a qualquer momento (Cozzarelli; Major, 1990).

A questão de gênero aparece como um importante demarcador do fenômeno. Resultados de pesquisas indicam uma maior incidência em pessoas que se identificam com o gênero feminino (Patzak; Kollmayer; Schober, 2017).

Partimos do pressuposto de que mulheres, por serem socializadas num contexto patriarcal, constroem sua subjetividade

introjetando ideias e sentimentos de desvalorização e inadequação advindos da violência de gênero a que são expostas desde a mais tenra idade. Por isso, neste trabalho, optou-se por usar a expressão “fenômeno da impostora” no feminino.

A pesquisa anual Womens Leadership, da consultoria KPMG, em 2020 constatou que 75% das executivas tinham sintomas do fenômeno da impostora. A Discovery Inc fez uma pesquisa em 2021 com 1272 mulheres e os dados mostraram que 72% delas atribuem seu sucesso profissional ao acaso ou à sorte. Cada vez mais este assunto tem sido discutido e pesquisado, e mais mulheres tem se identificado com os sintomas.

O que motiva e justifica a temática desta pesquisa é a necessidade de entender os efeitos psicológicos que a socialização feminina patriarcal e, portanto, violenta, pode ter na subjetivação de mulheres atualmente, momento em que temos ganhado mais espaço concreto no mercado de trabalho – a duras penas. A pesquisadora reconhece discursos autodepreciativos em suas amigas, pacientes, familiares e nela mesma. Vindo de mulheres muito inteligentes e com sucesso profissional, fica a inquietante questão da presença da internalização da violência que obstrui a construção de uma suficiência narcísica, uma autoestima segura para que mulheres vivam de forma livre e potente.

Diante do exposto, pergunta-se: como essa autopercepção com sentimentos de desvalia se forma em mulheres? Quais processos psicológicos estão por trás de tais sentimentos? Como a violência de gênero impacta na subjetivação de mulheres? Traumas sociais implicam na construção da autoestima de mulheres, provocando o surgimento do fenômeno da impostora?

Com este trabalho, objetiva-se entender os mecanismos psicológicos deste fenômeno, utilizando a teoria da traumatogênese de Sándor Ferenczi. Pensando no âmbito político, a hipótese é de

que a violência de gênero, seguida dos desmentidos sociais causam traumas e, conseqüentemente uma identificação com o agressor: o ódio volta-se para dentro para que mulheres consigam permanecer em sociedade e sobreviver, passando a agredirem psicologicamente a si mesmas.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório do fenômeno pesquisado. A pesquisa descritiva busca descrever os fenômenos estudados, enquanto a exploratória permite conhecer de forma aprofundada os objetos de estudos (Marconi; Lakatos, 2017).

A partir da análise da literatura desenvolvida, principalmente, por Sándor Ferenczi, busca-se descrever e explorar o fenômeno da impostora, relacionando seus sintomas com a teoria da traumatogênese de Ferenczi.

IMPOSTORAS: A SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES NO PATRIARCADO

Clance (1985) descreve diversos relatos de suas pacientes em que duvidam de si mesmas, ainda que tenham reconhecimento, ouçam elogios e tenham retorno financeiro de suas práticas. A autora conta o caso de uma artista plástica famosa que, mesmo vendendo muitos quadros, acreditava que não era o suficiente e que pessoas que haviam comprado seus quadros iriam se arrepender, constatando erros.

O fenômeno da impostora (ou síndrome do impostor, como nomeiam diversos pesquisadores) caracteriza-se pela descrença do indivíduo acerca de seus méritos próprios, baixa autoestima e excessiva autoexigência. Qualquer sucesso alcançado é atribuído à sorte,

acaso e enganação. Pessoas afetadas pelo fenômeno vivem com um medo constante de serem descobertas em sua farsa. Também tem um alto índice de comparação com os outros, aumentando as qualidades alheias e diminuindo as próprias (Houston, 2015).

Segundo Clance (1985), no fenômeno da impostora tem um padrão de repetição, um ciclo. Este ciclo inicia com sintomas de intensa ansiedade, insegurança e preocupação em relação a tarefas que as pessoas acometidas pelo fenômeno almejam ter um bom desempenho e, com isso, procrastinam e terminam em cima do prazo ou se preparam com muita antecedência e com trabalho árduo. Depois disto, ao receberem reconhecimento, essas pessoas começam a se sentir culpadas, com uma percepção de que fraudaram a atividade, de que não mereciam o retorno positivo. Diante de uma nova tarefa, o ciclo se repete. O medo pode ser paralisante e o trabalho excessivo pode trazer muitos prejuízos para essas pessoas (Sherman, 2013).

Embora o fenômeno possa afetar pessoas de todos os gêneros, a incidência é maior em mulheres. Para além de fatores pessoais, questões sociais podem ser determinantes. Mulheres que conquistam posições habitualmente ocupadas por homens se sentem não merecedoras de ocupá-las (Carpallo, 2017).

O conceito de gênero pode ser visto como uma construção social complexa, revestida por relações de poder, como define Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p. 18):

Na cultura androcêntrica e na sociedade patriarcal, é uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas. Implica relação (masculino X feminino), dicotomia, assimetria, desigualdade, polarização e hierarquia. Determina identidades, qualidades e valores desigualmente atribuídos a homens e mulheres, às práticas sociais e a objetos culturais (por exemplo, as cores

rosa e azul). No nível individual, o gênero corresponde a jeitos de ser/parecer. Nas relações sociais, constitui uma estrutura de dominação masculina, baseada na atribuição de valores diferenciados ao que se denomina masculino em relação ao que se denomina feminino. Logo, relações de gênero são relações de poder em que o princípio masculino é tomado como parâmetro universal.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2019), esta construção de valores advindos da dominação masculina a partir da ideia de gênero opera como violência simbólica. Como uma colonização do outro, esses valores são internalizados passando a moldar a percepção, as normas, as representações e os valores sociais que levam à reprodução da dominação masculina. Essa ordem simbólica masculina e violenta aparece como neutra e natural, participando do cotidiano, do senso comum e como se as coisas tivessem sido sempre assim. Sendo parasitária das subjetividades impõe às mulheres padrões inalcançáveis de beleza, uma pressão estética aterradora e uma subestimação intelectual. Nesta perspectiva, o agressor está dentro, foi internalizado (Bourdieu, 2019).

Sendo socializadas em um mundo onde há pouca representatividade de mulheres em destaque profissional e tendo sua validação social restrita, principalmente, à maternidade e a relacionamentos amorosos, mulheres tendem a internalizarem inseguranças a respeito de sua eficácia intelectual e profissional, são comumente deslegitimadas em ambientes majoritariamente masculinos e postas em dúvida quanto a suas capacidades laborais. Isso pode ser interpretado como violência de gênero, uma vez que causa danos psicológicos e econômicos, tendo impactos profundos na subjetivação (Zanello, 2018).

Para o sociólogo José A.M. Vela, "a socialização diferenciada, pela qual homens e mulheres são educados em papéis distintos e em valores distintos, cria o caldo de cultura perfeito para que as

mulheres sintam de forma maciça a síndrome da impostor". (Vale, 2015 *apud* Carpallo, 2017).

Para Cadoche (2021) essa sensação de inadequação e insuficiência perpétua é diretamente ligada à socialização feminina:

Quando uma mulher fracassa em algo pensa que não tem valor e, se triunfa, pensa que teve sorte. Quando os homens fracassam, por outro lado, têm uma lista de desculpas, seja um chefe rígido ou que há uma crise mundial. Os homens externalizam o fracasso e as mulheres externalizam o sucesso (Cadoche 2021, *apud* Urraiz, 2021).

Pensando em como essas internalizações acontecem, em que processos psicológicos podem estar por trás das construções narcísicas de mulheres acometidas pelo fenômeno, a teoria da traumatogênese construída por Sándor Ferenczi pode apresentar caminhos possíveis de compreensão.

A TRAUMATOGÊNESE E SEUS IMPACTOS

Na teoria da traumatogênese, formulada pelo psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, o trauma é dividido em três tempos: tempo do indizível, tempo do testemunho e tempo do desmentido. No primeiro tempo, a criança é violada por um adulto, ato disparador de dor e de uma excitação irrepresentável excessiva, impossibilitando a simbolização da experiência, marcando o *tempo do indizível*. Com a angústia traumática e sua tendência à simbolização, a criança procura outro adulto de confiança para ajuda-la a nomear o que houve, o indizível. Esse é o tempo de busca por reconhecimento de sua dor, um apelo por uma testemunha, sendo este o *tempo do testemunho*. O fracasso que pode acontecer neste tempo, o não reconhecimento do acontecido, define a experiência

traumática, sendo a última etapa da traumatogênese: *o tempo do desmentido*. Segundo Ferenczi (1931),

O pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos, é isso, sobretudo, que torna o traumatismo patogênico (Ferenczi, 1931, p. 79).

É no abandono por parte daquele que foi requisitado a testemunhar e nomear o indizível que se configura o trauma propriamente dito. Ao não ter o reconhecimento necessário, a criança passa a desconfiar de sua própria percepção, como explica Daniel Kuperman (2019, p. 19):

A criança padece então da agonia insuportável e recorre à desautorização por meio da identificação com seu agressor, que promove a incorporação da culpa pela catástrofe sofrida, negando as evidências e contradizendo suas próprias percepções.

Para Ferenczi (1933, p. 102), “se a criança se recupera de tal agressão ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão: a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentimentos será desfeita”.

Diante do desmentido, a consumação da experiência traumática, ocorre uma clivagem narcísica, onde a personalidade é dividida em duas: uma parte é sensível e está destruída e a outra sabe tudo, mas nada sente. A clivagem vem da necessidade de o sujeito abandonado, diante da situação traumática, substituir seus cuidadores que foram negligentes: “Uma parte da sua própria pessoa começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte, e assim torna o abandono nulo e sem efeito” (Ferenczi, 1931, p. 77). Com isso, os sujeitos traumatizados amadurecem precocemente, tornando-se pessoas que tem tendência a cuidar dos outros, dando

conselhos e transmitindo conhecimentos advindos de seu próprio sofrimento (Kupermann, 2019).

Para sobreviver aos adultos que não conseguiram ou não quiseram cuidar dela e, para que isso seja possível, manter a ternura que sente por eles, a criança passa a se identificar com o agressor, obedecendo-o automaticamente e adivinhando seus desejos. Kupermann (2019, p. 88) explica esta identificação:

A identificação com o agressor caracteriza uma operação na qual a ameaça externa torna-se intrapsíquica, o que permitiria à criança retomar (imaginariamente) o controle sobre a situação intolerável e, mesmo, o resgate da situação de ternura anterior, desautorizando as percepções relacionadas á agressão sofrida [...] O sujeito termina por incorporar o sentimento de culpa próprio do adulto agressor.

A subjetividade identificada com o agressor acaba incorporando o objeto-agressor de forma idealizada em sua psique, criando assim, uma subserviência a este objeto que se transforma em um superego tirânico, se assemelhando a uma relação intrapsíquica masoquista. O agressor agora faz parte do próprio sujeito e a violência passa a ser cometida consigo mesmo. Exatamente como acontece no fenômeno da impostora.

Com a teoria da traumatogênese de Ferenczi também é possível entender a concepção de *trauma social*, posto que o não reconhecimento do sofrimento de um sujeito em vulnerabilidade implica no desmentido de seu testemunho e de sua experiência por parte do outro a quem o sujeito recorreu no campo político e social, configurando um trauma. Como bem explica Kupperman (2019, p. 91): "Ante a ameaça de morte, exclusão, segregação e violência, somos todos crianças em busca de um testemunho que possa nos auxiliar a resgatar nossa dignidade atingida pela indiferença daqueles a quem se recorreu em busca de auxílio".

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O TRAUMA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO DO FENÔMENO DA IMPOSTORA

Daniel Kupermann (2019) discorre sobre o termo “desmentido” em seu livro “Por que Ferenczi?”. O autor descreve e analisa a interpretação de Luiz Claudio Figueiredo (2008) sobre a temática, trazendo a palavra desautorização para explicar o fenômeno intrapsíquico, sendo outra tradução possível para *Verleugnung*, usada por Ferenczi. Neste sentido, o autor diz:

De fato, o termo desautorização contribui para enfatizar a dimensão de desapropriação subjetiva ocorrida naquele que se encontra em estado de vulnerabilidade. O radical grego auto significa aquilo que é próprio, “de si mesmo”; e dentre os efeitos mais comprometedores do funcionamento psíquico resultantes da experiência traumática estão o abalo da convicção nas próprias percepções e a anestesia da afetividade, que tornam o sujeito refém das versões ditadas pelo agressor e também por aquele que desmente a violência perpetrada (Kupermann, 2019, p. 75).

Este abalo na crença das próprias percepções e a submissão às versões do agressor pode gerar um estado de confusão e até chegar à sensação de pânico. Com a consequente desapropriação da subjetividade, o sujeito não pode confiar em si mesmo, podendo duvidar de tudo que sente, do que lhe acontece e do que realiza, bem como de sua autopercepção.

Considerando a violência de gênero contra mulheres como um trauma que é desmentido socialmente (pelo estado, pela lei, pelo laço social etc), pode-se estabelecer a relação entre os efeitos destes desmentidos desembocando em subjetividades desautorizadas, descrentes de si mesmas e identificadas com os ditos dos agressores. Identificadas com os agressores e suas violências simbólicas, se

sentem impossibilitadas de confiar que tem valor e que são dignas de reconhecimento e amor.

Por identificação [...] o agressor desaparece enquanto realidade exterior e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido, num estado próximo ao sonho - como é o transe hipnótico -, ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio de prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a situação de ternura anterior (Ferenczi, 2011 [1933], p. 117).

Na concepção de trauma de Ferenczi, a criança se identifica com o agressor para poder continuar a amá-lo – e sobreviver, posto que depende dele. Se transpormos a teoria da traumatogênese individual para o campo social, podemos pensar no trauma da violência de gênero sofrido por mulheres seguido da identificação com “os agressores.” Nesta concepção, mulheres que sofrem esta violência, de desqualificação, por exemplo, introjetam as agressões, passando a acreditar nos termos com que foram tratadas, se auto agredindo psicologicamente e, assim, conseguindo sobreviver em sociedade, já que romper com o laço social, com pessoas amadas, seria quase impossível. Segundo Ferenczi (1933),

A força e a autoridade esmagadora dos adultos que emudecem [as crianças], podendo até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge o seu ponto culminante, obriga-as a se submeter automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas e a identificar-se com o agressor. (Ferenczi, 2011 [1933], p. 117).

Sendo socialmente e duramente estabelecidos os valores atribuídos a cada gênero, se espera que mulheres sejam doces, bonitas, maternais, busquem a perfeição, não errem, performem feminilidade, conquistem um homem acima de tudo, entre outras coisas.

Essa exigência é reproduzida inconscientemente, muitas vezes, por pais, mães, professores e professoras etc. e acaba por atravessar a construção da subjetividade de mulheres. Valeska Zanella (2018, p. 112) resume estas diferenças de socialização baseada em gênero com a frase “Em nossa cultura, homens aprendem a amar muitas coisas e mulheres, a amar os homens”.

Esta violência simbólica estrutural faz com que mulheres sejam tratadas e se ditem como objetos, uma vez que o cerne da violência é reduzir o outro à condição de objeto. E isso tudo com um tom de naturalidade, como se as coisas fossem assim mesmo. Bourdieu (2004) descreveu esse processo de interiorização dos valores sociais como sendo um processo oculto e “mágico” corroborado por instituições e agentes sociais, fazendo com que seja tão interiorizado no inconsciente social que é visto como natural e imutável.

Embora seja um processo social violento que faz com que subjetividades de mulheres sejam atravessadas por imperativos, restrições, rebaixamento da autoestima, ameaças, entre outras coisas, é visto como natural, sendo mais fácil de ser desmentido: quando uma mulher denuncia, aponta os erros e as violências cometidas contra ela, ela é comumente chamada de louca, dramática, histérica e seu testemunho cai no vazio. Com isso, se firma o processo traumático, a partir da falta de reconhecimento do testemunho e, conseqüentemente, a identificação com o agressor e a clivagem narcísica. Mulheres internalizam a culpa, o ódio e a violência, e passam a cobrar e a desconfiar de si mesmas. Desautorizam-se.

Além do processo violento de socialização feminina e da desigualdade de oportunidades, há um trauma social originado na perpetuação dos altos índices de estupro, violência doméstica e feminicídio. Uma pesquisa do MPSP em 2018 mostrou que a maioria dos feminicídios acontece em casa, cometidos por quem a vítima tinha ou já teve um relacionamento amoroso, motivados pela não aceitação do término ou por ciúmes. Isso esclarece o quanto, socialmente,

a vida de mulheres é objetificada e tomada como posse. Como se sentir segura e confiante num mundo que nos coloca em risco e nos faz acreditar diariamente que nossa vida vale menos?

Uma pesquisa da ONU em 2023 com 107 países averiguou que a cada 10 minutos 1 feminicídio é cometido no mundo. Sima Bahous (2024), diretora-executiva da ONU Mulheres, aponta para a necessidade de ação frente a esses dados alarmantes: "A violência contra mulheres e meninas não é inevitável. Precisamos de legislação robusta, melhora na coleta de dados, maior responsabilização governamental, cultura de tolerância zero e aumento no financiamento a entidades de defesa dos direitos das mulheres".

Em suma, o trauma social de mulheres causado pela violência de gênero pode culminar ou ser um dos principais fatores causadores do fenômeno da impostora. Nesta perspectiva, é necessário que exijamos e participemos da mudança social, provocando equidade de gêneros e uma sociedade mais igualitária e segura para as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de identificar e esclarecer os processos psicológicos presentes no fenômeno da impostora, relacionando a teoria da traumatogênese de Sándor Ferenczi com os impactos da violência de gênero. No decorrer da escrita, buscou-se mostrar que o fenômeno pode ser compreendido como um resultado de violências e desmentidos sociais de um mundo patriarcal.

Diante de posicionamentos de mulheres frente às injustiças sofridas, é comum ouvirem os xingamentos de "feminazi", "mimimi", "louca" até hoje. Esses desmentidos, sendo feitos com mais violência, geram a sensação de impotência e tentam manter o status quo.

Kupermann (2019) aponta saídas possíveis para experiências traumáticas, ele aponta a análise para “soltar as línguas”, onde um (a) analista poderia ocupar o lugar de ouvinte do testemunho, lhe dando o devido valor e auxiliando na elaboração destas experiências. A análise também é um lugar onde pode acontecer desmentidos sociais, mas também pode acontecer o contrário, o analista ser uma presença sensível capaz de validar e acolher o que lhe é trazido. Neste sentido, grupos de mulheres podem ter uma função parecida, onde se escutam, não se desmentem, e compartilham experiências, permitindo que se fortaleçam em coletividade.

Letramento de gênero, busca por conhecimento sobre as determinações socioculturais imbuídas às mulheres, oficinas que explorem as temáticas de mulheres no mundo do trabalho, exemplos de mulheres em posições de poder no trabalho, também são ferramentas ricas para não individualizar problemas sociais e abrir espaço para criação de novos valores sociais.

Na contramão das estratégias patriarcais nossa estética feminista busca mostrar que a intimidade é construção social. As formas de sentir são socialmente aprendidas, o sentimento mais profundo também revela experiência social, o que é íntimo e do privado é pessoal, mas os motivos do silenciamento são sociais (Santos, 2019, p. 175).

A teoria de Ferenczi tira o foco restritivo da compreensão dos fenômenos psicológicos do trauma, esclarecendo que este se dá em relação e seus possíveis desfechos também. Lutar por uma sociedade mais justa, que não seja misógina é cuidar das mulheres, psicologicamente e fisicamente. Se unir a pessoas que ressaltem nossas potencialidades, reconheçam nosso valor e nos tratem de forma respeitosa e com admiração também é um caminho para internalizarmos outros modos de nos enxergarmos.

Também se faz necessário a realização de pesquisas sobre o fenômeno da impostora para entendê-lo cada vez mais,

considerando sempre o contexto social, para que seja possível a criação de novas perspectivas não patologizantes e que possibilitem novos caminhos para a diminuição do sofrimento de mulheres e aumento da potência de vida.

Pesquisas com demarcadores sociais de raça e classe e que levem em conta a realidade brasileira também são extremamente necessárias, posto que o fenômeno afeta de diversas formas e as somas de opressões contribuem para seu agravamento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. **Sou uma fraude (?)**: explicando a síndrome do impostor. UFPB, 2020. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20341>. Acesso em: 25 de nov. de 2024.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos**, São Paulo, Zouck, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo, Perspectiva. 2011.

CARPALLO, S. C. **Por que a 'síndrome da impostora' continua atormentando as mulheres?** EL PAÍS Brasil. 13 Mar. 2017. Seção Estilo. p. 1-8. Online. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/13/estilo/1489414564_421859.html#:~:text=A %20 ideia%20que%20fica%20patente,%E2%80%9Cs%C3%ADndrome%20da%20a belha%20 rainha%E2%80%9D](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/13/estilo/1489414564_421859.html#:~:text=A%20ideia%20que%20fica%20patente,%E2%80%9Cs%C3%ADndrome%20da%20a%20belha%20rainha%E2%80%9D). Acesso em 26 nov. 2024.

CARVALHO, M. E. P. de; ANDRADE, F. C. B. de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e Diversidade Sexual**: um glossário. João Pessoa, Centro de Educação UFPB, 2009.

CLANCE, Pauline Rose; IMES, Suzanne Ament. The Imposter Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention. **Psychotherapy Theory, Research and Practice**, [s. /], v. 15, n. 3, p. 241-247, 1978.

CLANCE, P. R. **The impostor phenomenon**: Overcoming the fear that haunts your success. Atlanta, GA: Peachtree, 1985.

COZZARELLI, C.; MAJOR, B. Exploring the validity of the impostor phenomenon. **Journal of Social and Clinical Psychology**, 9, 401-417. Disponível em: <http://doi.org/10.1521/jscp.1990.9.4.401>. Acesso em 02 de dez. de 2024.

DISCOVERY, I. **A falsa farsa: um estudo proprietário sobre o fenômeno da impostora**. 2021. Disponível em: https://movimentomulher360.com.br/wp-content/uploads/2021/08/A-Falsa-Farsa-_-Discovery-Inc-2021.pdf. Acesso em: 20 de nov de 2024.

FERENCZI, S. F. **Obras completas, Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERENCZI, S. F. **Obras completas, Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERENCZI, S. F. Sándor Ferenczi: **Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOMES, J. C.; MELLO, S. P. T. Por que não aceitamos o sucesso que temos? Estudando o fenômeno da impostora em professoras universitárias. *In*: **7ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão – XXX Congresso de Iniciação Científica**, 2021, Pelotas, RS. Anais... Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2021. Disponível em: <https://guaiaa.ufpel.edu.br/handle/prefix/12365> . Acesso em: 30 de nov de 2024.

KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS, P. A. V. C. de. **Síndrome do Impostor e Auto-Eficácia de Minorias Sociais**: alunos de contabilidade e administração. 2014. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-07012015-175044/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MPSP. **Raio X do feminicídio em São Paulo É possível evitar a morte**. São Paulo, 2018. Disponível em: https://mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/Publicacoes_MP/Todas_publicacoes/Raio-X-do-femicidio-em-Sao-Paulo.PDF Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTOS, B. **Teatro das Oprimidas**: estéticas feministas para poéticas políticas. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SHERMAN, R. O. Imposter syndrome: When you feel like you're faking it. **American Nurse Today**, v. 8, p. 57-58, 2013.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1. ed. Cidade: Editora Appris, 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processo de subjetivação. 1. Ed. Editora Appris, 2018.

Natália Peres de Oliveira

Psicóloga, supervisora clínica e professora universitária na Fundação Santo André. Graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela PUC-RS e mestranda em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC (UFABC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907179875527146>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3033-216X>

E-mail: na.peres.03@gmail.com